

“Quereis oferecer-vos a Deus?”



Estudos

www.fatima.pt/documentacao

VARANDA, Isabel – “Quereis oferecer-vos a Deus?”. Em COSTA, Bernardino, coord. – *Quereis oferecer-vos a Deus?: itinerário temático do Centenário das Aparições de Fátima: 2.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2011. p. 17-31.

Isabel Varanda

A pergunta que do Céu chega ao pastorinho Francisco e às pastorinhas Jacinta e Lúcia naquele dia 13 de Maio de 1917 teve uma resposta imediata, sem hesitações, sem reservas, sem condições, sem pedidos de esclarecimento ou de suplementos de informação: “Sim, queremos”. Esta pergunta e esta resposta exprimem, por excelência, o acontecimento da fé religiosa. Elas representam, concretamente, o coração da fé cristã.

Dou por mim a formular a pergunta e a repetir a resposta vezes seguidas: – *Quereis oferecer-vos a Deus?* – *Sim, queremos. Quereis oferecer-vos a Deus?* – *Sim, queremos...*

Assim bate o coração da história de Fátima. Não é preciso treinar muito a escuta para ouvir e sentir este coração palpitando, como o coração de carne, num diálogo vital a dois batimentos, o sistólico: – “Quereis oferecer-vos a Deus?” e o diastólico: “Sim, queremos”. Esta é a essência da fé cristã. Este é o lugar crucial da fé, altar santo de um *comércio admirável* entre Deus e aquele que n’Ele crê e ícone por excelência da vocação transcendental do ser humano.

Tal coração da fé, tal coração de Fátima, porque Fátima é acontecimento de fé. Deveríamos descalçar-nos e cair por terra, de joelhos, com humildade e gratidão, porque o terreno em que entramos é verdadeiramente humano e verdadeiramente divino. Há pouco lugar para palavras. Apetece escrever um silêncio de muitas páginas para ser lido devagarinho, linha a linha, palavra a palavra. Não haverá coração de gente que não dispare se sentir e ouvir o coração da fé.

É este coração de fé, palpitante em Fátima, que os pastorinhos nos ofereceram e que ao longo já de quase 100 anos bate ao ritmo das alegrias e das tristezas, das esperanças e das angústias, da fé e da descrença do mundo.

Esperamos que as reflexões a várias vozes que se propõe neste *vade-mecum* de Fátima para o ano de

2012 possam descortinar, aprofundar e trazer à luz alguns dos grandes significados teológicos e antropológicos da pergunta eterna que Deus dirige ao ser humano, em todos os tempos e latitudes, e da resposta que o nosso tempo, os nossos contemporâneos e cada um de nós são capazes de dar, hoje.

FÁTIMA – NARRATIVA DA TERRA A CÉU ABERTO

Fátima desafia todos os crentes e os teólogos, em particular, a procurarem o coração da teologia, esse lugar confessante – creio no que digo – a partir do qual se busca, com as razões da fé e com as razões da razão, uma coerência antropológica para o transcendente.

Uma teologia sem coração está morta. S. Paulo o disse com todas as letras ao eleger o amor como ingrediente intrínseco e identitário da fé. A teologia é confessante ou não é. Mas uma "teologia de joelhos" não dispensa o esforço árduo da inteligência racional; exige, ao contrário, assumir como missão pessoal, eclesial e académica, o desafio de unificar a vida de fé com as exigências intelectuais e científicas. Ela diz a fé da Igreja, mas, ao mesmo tempo, "graças à sua dimensão crítica, interroga a fé da Igreja sobre a sua fidelidade à tradição e a sua presença na cultura" (Yves L'Abbé). Ela exige, assim, uma metodologia capaz de a levar a dar razões de si mesma e de continuar a justificar ao mundo por que razão é que é razoável e profundamente humano acreditar em Deus e acreditar na sua presença na história humana e na intriga escatológica do cosmos.

De joelhos, sim, mas sem por isso perder altura crítica. De joelhos, não com humilhação, mas com elevada consideração dos seres e das coisas, arrancando aqueles e estas ao reducionismo voraz do materialismo biológico, que o grande movimento dos "adoradores de moléculas" (Boris Cyrulnik) do século XXI pretendem definir como única e última verdade.

Fátima constitui um imenso, delicado e amoroso desafio à teologia, lembrando-lhe o quanto ela tem a ganhar na assunção plena da sua dupla pertença institucional: a Igreja e a Universidade. Lembrando, no mesmo movimento, que nos oceanos da humanidade de hoje a transcendência está na maré baixa e que talvez o mundo, que busca desesperadamente uma coerência antropológica, possa ganhar com uma teologia consistente, audível, compreensível e sustentável.

Ao longo dos milénios, as tradições religiosas sustentaram com consistência um sentido transcendente do cosmos e da vida. Hoje, os povos de todas as religiões precisam de se confrontar criticamente com a fé que honestamente professam e confessam; precisam de procurar, com todos os recursos que estão ao seu alcance, perceber se esta fé pode sobreviver às novas narrativas antropológicas e éticas e a um possível sentido da história humana realizado nos estritos limites da imanência. Prova de sobrevivência, por um lado e prova de pertinência, por outro. Esta avalia-se pela sua capacidade de incarnação nas culturas humanas e pela capacidade de trazer uma nova apologética – inteligente, bem formada e sustentada – para o diálogo com o mundo intelectual contemporâneo.

Os cristãos não podem ignorar a imensa responsabilidade que têm na descredibilização do Evangelho de Jesus Cristo no mundo actual, que vive uma dramática "crise da cultura e da identidade" (Bento XVI). O ateísmo, o agnosticismo, o laicismo e a indiferença religiosa não têm raiz somente na justa liberdade humana ou nas ideologias materialistas e nos humanismos laicos. O cristianismo não parece estar à altura dos desafios do mundo actual. Se mais não fosse, bastaria olhar para o imparável êxodo das novas gerações da esfera religiosa, visitada pontualmente, certo, mas não mais integrada no processo de construção das identidades pessoais.

O que vimos e ouvimos, o que as nossas mãos tocaram, o que as nossas bocas proclamam e o que os nossos rituais formalizam é muitas vezes um testemunho doutrinado mas não convertido, catequizado mas não evangelizado, transmitido mas não comunicado, propício à caricatura e ao descrédito. "Deus!? Não tens mais nada em que pensar?"; "estás a falar de quê?"; "A minha vidinha chega-me muito bem"; "Não sei onde foste desencantar essas ideias"; "isso já era...". Tantas expressões que todos nós já ouvimos ou mesmo pronunciámos. Elas revelam a indiferença, o desprezo e a irrelevância das "coisas de Deus", hoje. Seria precipitado deduzir daqui que a religião e a fé estejam em vias de extinção. Não faltam estudos sociológicos que provam precisamente o contrário. O que é preocupante é que "o factor religioso já não se inscreva numa coerência antropológica", que fique à margem da "razão pública", que se desenvolva "na base do arbitrário individual" e no espaço do privado e da "subjectividade singular" de cada pessoa.

Temos esvaziado o céu a bom ritmo de todos os seres que nele deixámos viver durante milénios: os divinos e os humanos. O facto é que, "escorraçado" Deus do céu, também o ser humano se "escorraça" e se nega a si mesmo o céu, enterrando no pó da terra a sua vocação transcendente e a perspectiva escatológica da história. Sem sopro divino, olhe para onde olhar, o risco é grande de só se ver a si e a um outro parecido, mas diferente de si. Encontre quem encontrar, não há narrativa de si na qual esse outro se torne coerente: ele é um concorrente. Não é um igual, é um rival.

O século XXI já pressente o luto antropológico de uma terra sem céu e de um mundo solitário, em "risco de soltar as raízes cristãs da nossa civilização" (Bento XIV). Culpamos a maré laicista que, como um tsunami, se abate sobre numerosas sociedades, particularmente as sociedades ocidentais, levando à sua frente todo e qualquer vestígio ou indício de transcendência, afogando o próprio Deus, sem dó nem piedade, e com ele a sua imagem e semelhança. Que o laicismo secularista pretende impor uma "burka" sobre a face religiosa do mundo, não há qualquer dúvida. Que o laicismo é uma revolta virulenta e violenta contra o céu, uma batalha para esvaziar o céu de Deus e do próprio ser humano, não há dúvida. Que o laicismo pretende muralhar a vida no mundo com uma crosta antropológica impermeável, a isto parece resumir-se o seu programa. Que muitos daqueles que se dizem laicos, "sem religião", obcecados com a ideologia nem se dão conta de como estão atolados num "amontoado mágico-religioso" de religião, teologia e mitos, embora praticamente irreconhecíveis porque

"degradados até à caricatura", assim o constatava Mircea Eliade, já nos princípios do século XX. Que o laicismo não está à altura da inteligência humana que foi dando provas, ao longo dos milénios, da capacidade incessante de abrir, com consistência e coerência, "novos mundos ao mundo", não é difícil o consenso. Que o cristianismo tem tido uma crescente dificuldade em partilhar a sua essência com o mundo e corre o sério risco de ver os seus *lugares*, principalmente no mundo ocidental, progressivamente reduzidos às quatro paredes de templos vazios, não faltam indícios.

À luz destas leituras, tudo leva a crer que o mundo actual, nas suas convulsões e agonias, é uma dolorosa mas promissora oportunidade para a Igreja de Jesus Cristo. Oportunidade que, como alerta João Paulo II, não significa oportunismo ingénuo na ilusão de que "a fé, diante de uma razão fraca possa ter um poder superior". É oportunidade na medida em que desafia à definição, à determinação e à assunção de responsabilidades por parte dos crentes. Não para que estes repousem a consciência num *mea culpa* escudado, tantas vezes, no argumento da fragilidade humana. É oportunidade para entrar, com nova motivação e novo ímpeto, na aventura de *tornar-se cristão* e *sendo cristão* anunciar no mundo um modo de ser humano capaz de despertar novas aspirações, novos valores, novos horizontes no coração da "razão pública". Para tal, o cristianismo precisa de se reinventar em termos de estratégias de comunicação e de evangelização; precisa de assumir com humildade a exigência de uma "pré-evangelização dos pós-modernos" e, como preliminar epistemológico, procurar inscrever a proposta religiosa numa coerência antropológica.

Os tópicos que se seguem tentam trazer para a reflexão alguns elementos que possam, eventualmente, ajudar a investigar as condições e as possibilidades de o mundo de hoje escutar e acolher a pergunta que ressoa desde a eternidade: "quereis oferecer-Vos a Deus?". Três crianças em Fátima disseram: – "Sim, queremos". Esta resposta lembra a toda a Igreja de Jesus Cristo, de modo particular ao seu magistério e às faculdades de teologia, que não se pode fazer teologia *etsi homo non daretur*, como se o ser humano concreto, num tempo e num espaço concretos, não existisse ou como se não contasse.

A pergunta que os pastorinhos escutaram vinda do céu é a mesma que ressoa no tempo presente e interroga os nossos contemporâneos. A pergunta é a mesma, mas a resposta talvez não.

DE ONDE MANA A PERGUNTA E ATÉ ONDE NOS LEVA?

"De onde mana a pergunta?", interrogam-se os mais precavidos. E a questão faz sentido num tempo em que se baralham inúmeras "ofertas" vindas de todas as direcções. Todos os dias recebemos mensagens a anunciar a feliz notícia de que fomos escolhidos e iremos receber um presente. Tudo parece transformar-se em oportunidade para, de repente, e sem qualquer esforço, ser o feliz contemplado; a oferta está ao alcance de um clique ou de um mero sim.

No mínimo é de ficar perplexo diante de uma pergunta que não encontra lugar fácil nas lógicas do

marketing contemporâneo. E a pergunta torna-se tanto mais chocante, quanto ela visa algo muito diferente do dom de coisas. "Quereis oferecer-vos?". Claramente, não se trata de dar o que se tem, mas de dar o que se é.

Que sentido pode ter tal interpelação numa época em que as novas gerações têm crescido e recebido uma educação centrada no receber? Os afectos são concretizados em objectos: "Se não me dás isto, é porque não gostas de mim..."; "Se não me dás... não gosto mais de ti". "Eu quero...; nos meus anos, quero que me dê...; já fiz a minha lista de pedidos para o natal".

Gerações empanturradas de coisas, estimuladas a possuir coisas, a consumir-se com o consumo de coisas. Gerações egoístas e egocêntricas, para quem nem sequer a retribuição ou reciprocidade faz sentido, quanto mais o sacrifício e a privação de tantos pais para que supostamente "nada falte aos filhos". Depressa os "princezinhos" e as "princesinhas" se transformam em pequenos tiranos. Há sempre um lucro, um proveito, um benefício em cada esquina do dia para o *homo possidens*, que não vai mais longe do que a experiência infantil em que espera que tudo lhe seja dado. Receber, ter, possuir tornaram-se as palavras passe para a realização pessoal e o motivo para levantar da cama e começar um novo dia.

Também ao nível da relação interpessoal esta lógica materialista vai deixando as suas marcas. Quando a relação é determinada pelo *receber* e pelo *ter* facilmente resvala para a redução do outro a objecto. *Alguém* torna-se um *algo* que posso possuir, alertou Martin Buber no livro intitulado, precisamente, *Eu-Tu*, publicado em 1923. Na prática, esta assimetria de relação traduz-se em posse e dominação de onde derivam as mais cruéis formas de violência de um ser humano sobre outro ser humano.

É certamente um enorme vazio da subjectividade, uma imensa pobreza interior, que faz com que nos tornemos escravos do ter e nos levem a empenhar a liberdade no que possuímos e no que cobizamos. "Mais cedo ou mais tarde, o ter, o prazer e o poder manifestam-se incapazes de realizar as aspirações mais profundas do coração do homem" (*Verbum Domini* 10). Seremos nós, então, capazes de ir "ao encontro da humanidade sem sermos instrumentalizados pelos nossos bens?". Como dar lugar à ideia de que "há bens muito mais importantes do que os bens de consumo"?

O DOM É O SEGREDO DA VIDA CONFIADO AO SER HUMANO

A palavra dom e o conceito de gratuito foram banidos da esfera pública e da educação nas suas múltiplas instâncias formais e informais. Pouco a pouco vai-se esbatendo a memória de que o sentido da vida humana não se esgota no que é produzido, categorizável e negociável. Perde-se a memória de que também há realidades gratuitas e não manipuláveis. Não é certamente uma postura inédita na condição humana. Parece, bem ao contrário, uma tentação constante dos humanos de todos os tempos. Não nos fala a Sagrada Escritura, desde as primeiras páginas, das dramáticas roturas da harmonia no mundo quando o ser humano se assume como senhor e proprietário dos bens que o

rodeiam, esquecendo que não lhes pertencem, que são puro dom – como a sua própria vida também o é – e que o que é dado não é para possuir, é para acolher?

No jardim do Éden, Adão e Eva não conseguem perceber que a atitude diante do dom – “Dou-vos todas as ervas que dão semente... e todas as árvores que dão fruto ...” (Gn 1,29) – não é a posse, mas sim o acolhimento. Por isso, pegam no que não lhes é dado.

Noutro cenário encontramos Sarai e Abrão. Interessa-nos, concretamente, a provação que afeta a relação entre o pai e o filho Isaac (Gn 22). Não se passe, todavia, sob silêncio um detalhe curioso da relação do casal (Gn 17). Na língua hebraica, Sarai significa “**minha** princesa”. O acento é aqui posto no pronome possessivo **minha**; Sarai é propriedade de Abrão (este receberá o nome novo da aliança de Deus com Abrão e toda a sua descendência: Abraão). Nas intrigas e peripécias do casal, evidencia-se Sarai a sacrificar a sua identidade em favor do marido. Felizmente, o Senhor Yhaveh vai intervir. No culminar da história do casal, um filho lhes é dado e, curioso e pouco notado, o Senhor Yhaveh dá novo nome a Sarai, oferecendo ao casal a possibilidade de se abrirem à verdadeira relação, àquela que se funda não no ter e possuir, mas no ser outro com o outro, no respeito das inegociáveis identidades. Doravante, não se chamará mais Sarai, *minha princesa*, mas simplesmente, Sara, *princesa*.

Sara concebe um filho na sua velhice. De que modo Abraão acolhe o dom que o Senhor lhes faz? Como um bem que é doravante sua propriedade, não vendo nele o “filho da promessa”, mas somente o “filho do seu desejo”? A provação a que Deus submete Abraão vai obrigá-lo a decidir. E Abraão decide, dispondo-se a devolver o dom que lhe havia sido dado. Dispõe-se, assim, a oferecer a Deus o sacrifício do filho desejado; oferecer a Deus o seu bem mais precioso, pois não o havia recebido como propriedade. A disposição de Abraão agrada ao Senhor. Então, uma segunda vez, Abraão vai acolher o filho Isaac das mãos do Senhor, agora como provado *filho da promessa* e não como *filho do seu desejo* de descendência.

Um outro quadro bíblico apresenta dois irmãos, Caim e Abel, no episódio das oferendas que fazem ao Senhor Yhaveh (Gn 4,1-5). Este episódio diz que o que caracteriza o dom não é o ter, é o ser; diz que o dom é a essência e a fonte da vida e diz como este entendimento é decisivo na construção da identidade de cada ser humano. Mais uma vez, a intriga vai desenvolver-se à volta dos pronomes possessivos. A leitura feita pela psicanalista francesa Marie Balmary, a partir do texto escrito em hebraico, faz emergir os possessivos como determinantes na interpretação deste episódio.

Caim ofereceu produtos **da** terra; Abel ofereceu as primícias do **seu** rebanho.

Abel deu as primícias do **seu** rebanho e a sua oferta foi agradável ao Senhor. Caim deu os frutos **da** terra e Deus não aceitou a sua oferta, porque Caim deu o que não era seu. Ele não estava presente na sua oferta: **não se deu** com aquilo que deu. Se Deus recebesse os frutos **da** terra isso significaria que Caim não contava para Deus; equivaleria a aceitar a não existência de Caim, visto ele não estar no dom, não

estar presente no presente. Por isso, Deus recusa a oferta que ele faz. Não é dom seu; é da terra. O seu dom é um "dom vazio".

Esta passagem tem, muitas vezes, provocado mal-estar por parecer revelar um Deus caprichoso, que discrimina e ofende Caim. Passa-se precisamente o contrário. Deus respeita Caim e preocupa-se com ele. É por essa razão que recusa a oferta, ou seja, recusa a *inexistência* de Caim, o presente sem presença, o dom sem relação, o ritual sem vida, o objecto sem sujeito, a "coisa" sem "Eu". O Senhor quer que Caim exista, se descubra a si mesmo; tome consciência da sua existência e da sua identidade, para si e para a relação com o próprio Deus.

Estes quadros bíblicos fazem sair o ser humano, com pedagógica sabedoria, da esfera das coisas e dos objectos. Deles brota uma lógica que o conduz para lá do mero horizonte da posse e aponta para uma dimensão oblativa da vida. Dimensão oblativa que entra na própria definição da vida: a vida é puro dom. Não será este o seu segredo? Na raiz da vida está o dom, o gratuito, como constitutivo do ser. Isto leva a que se possa afirmar o dom como um transcendental, porque ele é a essência das coisas e dos seres.

Por onde anda o dom? O que tem feito o ser humano e o que fazemos nós, hoje, desta possibilidade maravilhosa de outro modo de ser do que ter? Que abismos temos de enfrentar, que provações precisamos de atravessar, que despojamentos serão necessários para se poder ir mais além do que o que se tem?

Um segredo esconde-se no cosmos e em cada ser que o povoa. Um segredo de gratuidade que nos confia o dom como a chave da vida e ajuda a aceder a um sentido da vida em que esta se compreende como puro dom. Esta é uma bela e boa notícia de alcance universal. Para a acolher e entender não é necessário um elevado quociente intelectual, ou uma específica formação científica e técnica. Não se trata de uma notícia para um grupo de privilegiados ou iluminados. Dirige-se a todos os seres humanos e todos a podem compreender porque todo o ser humano "está feito para o dom, e é no dom que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência" (*Caritas in Veritate* 34).

Então, por que é que temos tanta dificuldade em compreender e em viver a vida como dom? A elaboração de uma proposta coerente e pertinente de antropologia cristã para o mundo de hoje exige que, como preliminar metodológico, se procurem respostas para estas questões.

Talvez a vida dos três pastorinhos de Aljustrel e os acontecimentos singulares que a marcaram possam fornecer ao mundo de hoje pistas para esta concepção mais essencial da vida, em que viver implica oferecer a vida e, maravilha das maravilhas, oferecer a vida não significa perder a vida ou morrer. Significa, ao contrário, viver a vida autêntica, a "vida boa", aquela vida que não depende das cotações do mercado, das ameaças de cortes no *rating*, do temor das falências e das bancarrotas. A "vida boa" não se vende e não se compra; ela escapa radicalmente à lógica financeira e económica, porque o que

a define não é o ter mas o ser, não é o possuir, mas o acolher e o dar gratuitamente "lugar espaçoso e feliz" ao essencial.

A vida dos pastorinhos não foi uma "boa vida", mas foi, sem sombra de dúvida, uma "vida boa". Tão boa que eles a assumiram como uma doação permanente. Jogaram o grande jogo da vida: dar-se, dar tudo o que se é, sem nunca perder. Eis o grande segredo de Fátima que os pastorinhos aprenderam com Maria, a Mãe de Jesus, que, por seu lado, havia aprendido com o seu querido Filho: entregar-se não é uma perda de si; é um encontrar-se com o outro por causa de um amor mais forte e mais precioso do que a própria vida. Maria disse sim a Deus. Os pastorinhos juntam-se a Maria e com ela dizem: sim, Senhor, nós também queremos oferecer-te a nossa vida.

DEUS "É AMIGO DA LIBERDADE HUMANA"

No coração crente dos pastorinhos a fé não é transcendência, é experiência do transcendente; experiência concreta de uma "realidade que supera o visível e o contingente". Experiência de um Deus amigo da liberdade humana.

As palavras que vêm do Alto dirigem-se a liberdades pessoais. "Quereis...?". "Sim, queremos oferecer-nos a Deus"; por outras palavras: sim, queremos ser santos. Seremos tentados a dizer, e justamente, que, a partir da nossa própria experiência e à luz dos conhecimentos da psicologia sobre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento da personalidade das crianças com idades entre 7 e 10 anos (como é o caso dos pastorinhos), eles não poderiam entender o alcance da pergunta nem o concreto significado do oferecimento de si.

O facto é que Deus julgou-os capazes e eles responderam com capacidade. Temos a atestá-lo a forma como, desde então, viveram cada momento das suas vidas: oferecendo-as a Deus a todo o momento, como nos reporta Lúcia nas suas *Memórias*. Não se tratava de um jogo inconsequente. Eles transformaram as suas vidas em metáforas vivas do dom. É este o critério de verificação da singular maturidade e da especial iluminação que eles revelam. Singular é também a capacidade que eles manifestam para expandirem o dom de si para além da morte: Francisco quer, quando morrer, dedicar-se a consolar Jesus no céu, e Jacinta promete continuar a rezar pelos pecadores, para que estes se convertam e o coração de Jesus não sofra mais.

Os pastorinhos entram no mistério de um Deus que os ama a tal ponto que eles Lhe podem oferecer algo que Lhe agrade em reparação das ofensas. Por Cristo, com Cristo, em Cristo, com Maria, podem oferecer-Lhe, no meio dos espinhos da sua vida, as rosas dos seus actos de amor. E Deus, que passaria bem sem isso, quis que eles colaborassem de forma bem real na salvação do mundo. *Eis o mistério da fé.*

Os pastorinhos de Fátima ensinam-nos que o sacrifício é inútil quando não é oferecido; não passa de uma "experiência mortificadora que não chegou à experiência da redenção". Mostram-nos que a mortifica-

ção sem redenção roça o escândalo, e não agrada a Deus, porque Ele ama as suas criaturas e amar também não quer que o outro sofra sem sentido. Mas os pastorinhos deram sentido aos seus padecimentos. Ao oferecerem-se por amor, dão-se até doer, a tal ponto que a dor deixa de ser dor para ser só amor. "É imenso o amor que entra pelos caminhos da dor", diz alguém. A fé cristã tem este mérito, como lembra Bento XVI, de suscitar a capacidade de o ser humano dar ao sofrimento um sentido novo e mais profundo. E assim, o sofrimento torna-se, por excelência, lugar de aprendizagem do dom de si.

O DOM DE SI: LUGAR DE APRENDIZAGEM DE HUMANIDADE

A forma de pensar dos pastorinhos não é egocêntrica nem individualista. É espantosa a consciência social que desenvolvem, concretizada numa profunda solidariedade com *os que não crêem, não adoram, não esperam e não amam*. A intimidade com Maria e com o seu Filho – "Não sei como é! Sinto a Nosso Senhor dentro em mim. Compreendo o que me diz e não O vejo nem oiço; mas é tão bom estar com Ele!" – expande-se numa solicitude radicalmente concentrada na salvação dos pecadores, para que todos se salvem, possam ir para o Céu e Deus não seja mais ofendido nem o seu coração entristecido pelos pecados do mundo: "Passar sede, recusar a água. Por quê? – 'Quero sofrer pela conversão dos pecadores', respondem Francisco e Jacinta". Francisco, Jacinta e Lúcia estão decididos e profundamente convencidos de "poderem inserir no grande com-padecer de Cristo as suas pequenas canseiras, que entravam assim, de algum modo, a fazer parte do tesouro da compaixão de que o género humano necessita. Deste modo, também as mesmas moléstias do dia-a-dia poderiam adquirir um sentido e contribuir para a economia do bem, do amor entre os seres humanos" (*Spe Salvi*, 40).

A vida dos pastorinhos, realmente oferecida a Deus, ao mesmo tempo oferece ao mundo um lugar simbólico da oblação a Deus – "tomai e recebei as horas do meu dia, alegrias e dores, penas e trabalhos" –; lugar simbólico de experiência de confiança, de promessa e de esperança para o mundo: verdadeira escola de aprendizagem de humanidade. Desse lugar, a perspectiva é outra: nova e luminosa. Há luz para além da dor. Luz gemente porque luz de gente, que ajuda a compreender melhor a agonia do Homem Justo, no Jardim das Oliveiras. Dor de amor gemente. Excesso de dor já não suportável para um humano entregue a si mesmo.

CONFIANÇA NA PROMESSA DE QUE NENHUM CRUCIFICADO FICA PREGADO NA CRUZ

Valerá a pena e será ainda possível colocar junto de Deus todos os ais de silêncio e dor que se elevam da terra? Os caminhos de peregrinação até aos lugares santos de Fátima testemunham que sim. O cansaço, o calor, a sede, as flictenas, a dor física e afectiva, situações tantas vezes julgadas a partir de fora como excessivas, desumanas e irracionais, assentam no dom sem medida, não do que se tem, pois muitas vezes nada se tem, mas do que se é; e é-se muitas vezes uma só ferida em carne viva.

No excesso da dor e do dom entregam-se a Deus as dores que um ser humano não pode suportar sozinho, e que o outro mais próximo também já não consegue acolher. Oferecem-se as dores pró-

prias e as do mundo. Não haverá aqui algo de sublimemente humano neste oferecimento de si com intenção de compensar, ao mesmo tempo, o não oferecimento dos soberbos, dos individualistas, dos egocêntricos, dos descrentes, dos que não se oferecem? Ofereço-me a mim no excesso de dor, incarnando o déficit de oferecimento dos que não conhecem o dom de si. Ofereço eu por eles para assim colaborar na salvação do mundo.

Os pastorinhos fizeram de Fátima a *casa do povo* onde cada um e cada uma sabem que podem entrar livremente e estar como em sua casa. Aí, mesmo quando nada se tem e a vida parece dizer que já nada se é, o povo descobre as últimas forças para ainda oferecer o seu nada. Na passadeira do despojamento, de joelhos, com uma dignidade perturbadora, indiferentes aos olhares dos que olham e julgam, jovens e velhos, ricos e pobres, arrastam-se pela longa, plana e pálida passadeira da dor total. Resistência ao nada, esperança contra toda a esperança, consciência flagrante de que despojada de tudo, despojado de tudo, ainda sou, ou melhor, eu sou este, esta – desvelar de uma identidade nua, porque desprovida de ornamentos sociais –, de joelhos em terra, mas avançando e olhando em frente para um futuro possível em que poderá sempre ser dita ainda uma última palavra.

Nos lenços brancos, nas lágrimas, nos olhares fixos na imagem da Virgem Mãe vai a súplica da compaixão e vem a promessa de que nenhum corpo fica pregado na cruz. Como aos pés da cruz do Filho, Maria está aos pés das cruzes do mundo, para acolher no seu regaço e tomar os crucificados nos seus braços.